

Eixo Temático 4: Educação Histórica

A SALA DE AULA COMO DESAFIO: REFLEXÕES SOBRE OS PRIMEIROS CONTATOS COM A PRÁTICA DOCENTE

Thaís Cardozo Favarin¹

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC
thaiscardozo_@hotmail.com

Thiago de Oliveira Aguiar²

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC
thiago.rs.sc@hotmail.com

Thiago Oliva Lima de Araújo³

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC
thiago.oliva06@terra.com.br

Resumo: O incentivo às práticas docentes em sala de aula tem recebido maior apoio nos últimos anos por parte do Governo Federal. O curso de História da UDESC teve aprovado pelo Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) em 2011, o projeto intitulado *Pensamento histórico de jovens e crianças na Educação Básica II* que está sendo desenvolvido em duas escolas públicas de Florianópolis. Nesta comunicação iremos relatar as experiências desenvolvidas com a turma de sétima série da Escola Básica Vitor Miguel de Souza durante o segundo semestre de 2011. O trabalho parte de uma perspectiva teórica que tem como base os estudos de Educação Histórica e dialoga com Maria Auxiliadora Schmidt, Isabel Barca, Jörn Rüsen, entre outros. Relataremos a elaboração e aplicação de duas aulas-oficina, cujas temáticas foram o “11 de setembro” e o “Dia 20 de Novembro”, dia da consciência negra, ambas as quais possibilitaram diversas análises. A primeira (O 11 de setembro) ficou marcada como uma experiência que desviou da proposta de uma aula-oficina, aproximando-se mais de uma aula expositiva, enquanto a segunda (Dia 20 de novembro), como uma proposta que deu certo, mesmo deixando a desejar em alguns aspectos que se referem à metacognição. Com estes dois exemplos de aulas-oficina, pode-se refletir algumas práticas docentes em sala de aula, evidenciando a importância da práxis e o leque de possibilidades que as discussões no âmbito do ensino de história podem proporcionar.

Palavras-chave: Aula-oficina, didática, ensino, educação histórica

Este artigo, além de tratar de resultados propriamente ditos, expõe impressões e experiências de três estudantes de graduação da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) acerca do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID, financiado pela CAPES, no qual o curso de História da referida instituição tem 18 bolsas para acadêmicos e atua em duas escolas públicas localizadas em Florianópolis. As atividades

¹ Acadêmica da 5ª fase do curso de História e bolsista do Programa de Iniciação à Docência PIBID/CAPES/UDESC orientada das professoras Dra. Cristiani Bereta da Silva e Dra. Luciana Rossato.

² Acadêmico da 6ª fase do curso de História e bolsista do Programa de Iniciação à Docência PIBID/CAPES/UDESC orientando das professoras Dra. Cristiani Bereta da Silva e Dra. Luciana Rossato.

³ Acadêmico da 8ª fase do curso de História e bolsista do Programa de Iniciação à Docência PIBID/CAPES/UDESC orientando das professoras Dra. Cristiani Bereta da Silva e Dra. Luciana Rossato.

descritas e analisadas neste artigo compreendem o período de julho à dezembro de 2011, o que corresponde aos primeiros cinco meses de desenvolvimento do projeto intitulado: *O pensamento histórico de crianças e adolescentes e o ensino de História na Educação Básica II*.

Esta é a primeira oportunidade em que a UDESC obtém os recursos do PIBID. Diante desta realidade, vale destacar que esta também é a primeira vez que o PIBID abrange o curso de História, uma vez que esse tipo de bolsa só era oferecido a outros cursos, como biologia, pedagogia, e em Universidades Federais. Considera-se, porém, que cada área do conhecimento e cada disciplina específica possuem suas particularidades e sua própria gama de estudos associadas à educação e, mesmo dentro dessa gama, há divergências e relevâncias distintas. Dessa forma, escolhas são feitas e, no caso do grupo do PIBID de História da UDESC, em especial, optou-se por trabalhar com as pesquisas de autores como Jörn Rüsen, Isabel Barca, Marlene Cainelli e Maria Auxiliadora Schmidt. Estes autores têm como foco o estudo e desenvolvimento das práticas e teorias que ajudam a desenvolver a consciência histórica, conceito relacionado aos processos de ensino-aprendizagem na área do ensino de história, ambos aprofundados pela Didática da História (BERGMANN, 1989/1990, pp. 29-42).

A Didática da História como área de pesquisa, ganhou maior destaque com os estudos dos teóricos alemães Klaus Bergmann e Jörn Rüsen no final da década de 70. Em períodos anteriores, a Didática da História era vista como uma área externa a ciência da história, sendo um conector para facilitar a aprendizagem, idéia que é comumente associada até os dias de hoje. Segundo Bergmann (1989/1990, p. 29), a didática da história se preocupa “com o conteúdo que é realmente transmitido, com o que podia e com o que devia ser transmitido”, e foi organizada em três categorias, a “tarefa empírica” que teria a função de investigar os processos de ensino aprendizagem; a “tarefa reflexiva” que teria por fim investigar os processos empíricos, ou seja, analisar as questões resultantes a partir da prática e, por fim, a “tarefa normativa” da Didática da História, a qual analisa quais as metas e processos de aprendizagem que devem ser propostos na transmissão dos conteúdos. As três categorias resumem os objetivos da Didática da História na atualidade, que é discutir a “relação com a metodologia de instrução, as funções e os usos da história na vida pública, o estabelecimento de metas para a educação histórica nas escolas e a verificação se estas têm sido atingidas.” (RÜSEN, 1987, p. 13).

Entre os aspectos pesquisados esta a questão da consciência histórica, sua formação e desenvolvimento. Segundo Agnes Heller e Jörn Rüsen “a consciência histórica não é meta,

mas uma das condições da existência do pensamento: não está restrita a um período da história, a regiões do planeta, a classes sociais ou a indivíduos mais ou menos preparados para a reflexão histórica ou social geral” (CERRI, 2001, p. 99). Quando Luís Fernando Cerri apresenta as diversas interpretações do que é consciência histórica, escolhemos apresentar a interpretação de Heller e Rüsen, visto que estes referenciais teóricos apresentam perspectivas mais democráticas enquanto possibilidades de desenvolvimento da consciência histórica, independente das especificidades sócio-culturais dos indivíduos.

Tudo, portanto, neste presente trabalho tem a ver com experiências novas e aprendizados mútuos que, de agora em diante, poderão ser lidos da maneira mais ampla possível, incluindo erros, acertos, decepções e surpresas dentro das inúmeras possibilidades que os termos “aprendizado” e “experiência” carregam.

Campo de Trabalho

O grupo de bolsistas do PIBID de História é formado por 18 acadêmicos (que foram divididos, formando duplas ou trios) e distribuídos para trabalhar em duas escolas, uma estadual, outra municipal: Escola Básica Padre Anchieta e Escola Básica Vítor Miguel de Souza, respectivamente. . As reflexões que se seguem estão relacionadas às atividades desenvolvidas junto à sétima série da E. E. B Vítor Miguel de Souza, a qual, inclusive, anteriormente ao PIBID, já havia recebido outros projetos da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), tais como programas extensionistas e alunos estagiários de disciplinas que envolvem Práticas Curriculares do curso de graduação em História.

A Escola de Educação Básica Vítor Miguel de Souza, fundada em 1991, é uma escola pública municipal que atende principalmente crianças que moram em grande parte no Morro do Quilombo – local caracterizado como área de favela em Florianópolis -, no bairro do Itacorubi, região central da cidade. Durante o ano de 2011, o número total de alunos na escola oscilou entre 280 e 290 estudantes. Pela razão da escola estar localizada próxima às Universidades⁴ da cidade, é possível identificar larga movimentação de universitários, tanto no turno matutino como no vespertino; aos alunos da escola, essa presença parece muito comum. Os aspectos estruturais da escola inclui biblioteca, sala de vídeo, sala de informática, sendo que boa parte do espaço escolar é equipado com uma rede de internet própria, que serve para o uso de servidores e alunos. Cabe ressaltar que desde 2010 os alunos da Escola Básica

⁴ Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC e Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC.

Vítor Miguel têm a sua disposição computadores para auxílio educacional, através do projeto do governo federal denominado UCA (um computador por aluno). O objetivo do Ministério da Educação com tal iniciativa é utilizar a tecnologia como instrumento à Educação de qualidade, pois crê na inclusão digital como meio de democratização da informação e do conhecimento⁵.

A recepção da turma aos estagiários foi hospitaleira. Os alunos foram atenciosos, por sensibilidades intrínsecas a cada um, mas também por intermédio do professor titular da disciplina Marcos Francisco da Silva⁶, hábil e confiante frente aos alunos. Após as primeiras impressões, partimos às reflexões de como conhecer os alunos de modo mais intenso, profundo. Assim, desenvolvemos um questionário com o auxílio de todo o grupo de estagiários do PIBID, com o propósito de fazer um levantamento sócio-econômico dos discentes da turma 71 da EB Vitor Miguel. Importante salientar que tal questionário foi aplicado a todas as turmas assistidas pelos estagiários PIBID, nas duas escolas contempladas pelo projeto.

Como já mencionado, a intenção do questionário foi realizar um levantamento sócio-econômico da turma, com o objetivo de avaliar as condições sociais que permeiam o cotidiano dos alunos. Logo, os questionamentos estiveram relacionados ao grau de instrução familiar, profissão dos pais, gostos, lazeres e *hobbies* dos alunos em horários vagos ao comprometimento escolar etc. Destacamos que dos dezessete alunos que responderam ao questionário, as idades variavam entre 12 e 15 anos, sendo que a predominância de idade ficava nos 13 anos. Outro fator a destacar é a paridade em relação ao gênero.

Em relação a escolaridade dos pais, apenas seis chefes de lar (pais e mães) têm o Ensino Médio completo, ao contrário de vinte indivíduos com o Ensino Fundamental incompleto. Não houve aprofundamento, por parte do grupo, se os pais dos alunos que se encontram na condição do “Ensino Médio Incompleto” são alfabetizados. Diante desse grave entrave social, pode-se problematizar sobre o capital cultural dos alunos, os quais não devem contar com consideráveis incentivos educacionais por parte dos pais. Os pais dos alunos, em geral, têm obrigações profissionais vinculadas ao que a sociologia caracteriza como serviços; isto é, tem atividades das mais diversificadas, tais como: motoristas, garçons, pedreiros, vigilantes, lavador de carros, dentre outros. As mulheres, por sua vez, direcionam suas forças de trabalho, sobretudo às atividades tradicionalmente femininas, como faxina e/ou copa.

⁵ Disponível em: <http://www.uca.gov.br/institucional/projeto.jsp>. Acesso em 07/03/2012, às 19h40.

⁶ Professor formado em História pela UDESC em 1991, graduado, também, em economia pela UFSC, com especialização em história Social pela UNIVALI e mestrado em políticas públicas pela UDESC. Atua na E.E.B Vitor Miguel de Souza desde 2006.

Quanto aos alunos, vale destacar seus comportamentos e preferências para além do ambiente escolar. Todos os dezessete discentes assistem televisão diariamente, sendo que cinco alunos assumiram ficar em frente à telinha por mais de cinco horas diárias. Os alunos têm preferência por programas de humor, sendo que Pânico na TV, da Rede TV, é o preferido para seis alunos. No que tange a preferência dos alunos em relação à internet, ficou evidente que a preocupação destas crianças é exclusivamente socializar, trocar experiências por via cibernética, uma vez que todos buscaram redes sociais (orkut, facebook, msn), vídeos e jogos coletivos. Somente cinco alunos mencionaram utilizar a internet para fazer pesquisas escolares ou ler notícias.

No questionário há também uma pergunta a respeito do que o discente entende por História. Todas as respostas circularam no senso comum, ou seja, destacam a disciplina de História como o conhecimento do passado, apenas. Entretanto, merece realce a seguinte afirmação de determinado aluno: “História da Antiguidade. Roma, I e II Reinado”. De alguma forma, as informações sobre Roma ficaram no imaginário deste aluno, porém o I e o II Reinado eram o recorte histórico que estava sendo trabalhado pelo professor, naquele momento do semestre escolar. Fica claro, portanto, que os alunos reproduzem e/ou rememoram aquilo que está mais evidente, mais claro e manifesto em sua memória, e não outras lembranças a respeito da experiência humana. Foi diante deste panorama que a equipe iniciou as atividades.

Entre as atividades desenvolvidas por nós enquanto bolsistas PIBID estiveram as discussões de textos⁷, as observações em sala de aula e a realização de “aulas-oficinas” com os alunos da sétima série. As aulas oficinas compreendem um modelo onde os próprios alunos são agentes de seu conhecimento, cabendo ao professor levantar as idéias prévias destes, e posteriormente organizar atividades para problematizar essas idéias iniciais dos alunos. (BARCA, 2004).

As observações em sala de aula eram feitas duas vezes por semana (uma aula de 45 minutos e duas aulas totalizando 150 minutos) e, basicamente, significaram sentar em meio à turma e observar a aula, podendo sempre contribuir nas aulas do professor. Nesse sentido, a relação de confiança e amizade estabelecida com o professor responsável na escola foi fundamental. Essa experiência, que num primeiro momento pode parecer irrelevante, se comparado a realização de uma oficina ou algum outro tipo de intervenção mais direta, mostrou-se essencial em diversos âmbitos. Um dos aspectos a ressaltar é a possibilidade que

⁷ Grupo de estudos formado por todos os bolsistas, professores supervisores e coordenadoras do projeto que se encontram semanalmente na UDESC para discutir textos teóricos.

tivemos de ter contato com a rotina de uma escola do ensino básico, conhecer a dinâmica da sala de aula do professor foi um dos pontos que, de fato, tiveram grande relevância para podermos colocar em prática parte das questões teóricas realizadas no Grupo de Estudos. Contudo, esses pontos não foram os únicos. Outras questões tiveram a ver com os papéis entre os quais oscilávamos. Éramos estagiários em meio aos alunos, professores em frente à sala, amigos dos estudantes nas saídas de campo. Perceber como se davam as relações bolsistas-alunos durante essas trocas frequentes de papéis, sem dúvida, foi também, significativo.

Experiências em sala de aula

Foram realizadas duas aulas-oficinas, de julho à dezembro. Em setembro, a oficina teve como tema os ataques às torres gêmeas de Nova York em 2001, que neste ano estava completando dez anos. Em novembro, sobre o dia da Consciência Negra. O tema das oficinas foi sugerido pelo professor titular da turma.

Ambas as atividades apresentaram situações inversas no que diz respeito à ligação do aluno com a temática proposta. A relação de aprendizagem, ou aproveitamento do conteúdo ensinado ao aluno está intimamente ligada à experiência ou proximidade deste com o que se pretende ensinar.

A aula que focava no “11 de setembro” e seus desdobramentos, não foi elaborada a partir da concepção de aula-oficina, visto que nesta atividade não ocorreu o levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos, e ao elaboramos o plano de aula, partimos do que consideramos mais importante.. Além da complexidade do evento, ainda existiam as diferentes versões do fato, situação que acaba gerando a dicotomia entre o bem e mal. O dualismo apresentado pelas grandes mídias mascara o longo processo histórico que vem se construindo; portanto, historicamente seria errôneo mostrar somente a ótica estadunidense que criminaliza o mundo islâmico, vide que esta conjuntura envolvendo os Estados Unidos e o Oriente Médio, desde a Segunda Guerra Mundial tem mostrado que não há mocinhos ou bandidos, e sim sujeitos históricos com interesses políticos e econômicos.

Em primeiro lugar, por que trabalhar com a temática do “11 de setembro”? Além da proximidade da data do evento, o período marcava exatamente os dez anos do atentado. O forte apelo midiático que se deu em torno do assunto na época, tornou o tema bastante propício para ser discutido com os alunos. Outra questão pontual, principalmente para nós, bolsistas PIBID, era testar a idéia do quanto é possível conseguir bons resultados saindo do conteúdo proposto pela grade curricular, obviamente com planejamento prévio. As

atualizações do professor nas questões que cerceiam o nosso cotidiano podem evitar assim a mecanização do conteúdo programático, o que em determinadas situações podem prejudicar a aprendizagem histórica. Dada a escolha do tema, a organização inicial da aula oficina se deu em três momentos.

Inicialmente foi apresentado o fato através de uma breve exposição e audiovisual⁸. Feita esta apresentação, buscou-se o levantamento a partir das seguintes questões: “Por que alguns choram? Por que outros comemoram? Será que o atentado tem um fim em si?”. A partir destes questionamentos simplificados, podemos chegar ao ponto principal que era expor algumas questões que envolviam o embate de parte do mundo islâmico e os Estados Unidos da América, um conflito que traz questões mais antigas que propriamente a guerra ao terror. A partir deste roteiro, procurou-se mostrar que neste embate não existem heróis, e que o Imperialismo estadunidense e o fundamentalismo islã, é uma oposição que claramente abala a atual ordem mundial. As atividades, organizadas em três partes, como já citado, teve uma grande sobrecarga de conteúdo, o que pareceu ter se tornado cansativo para os alunos da turma 71. Para além da alta carga de conteúdos, a ideia de uma aula-oficina é justamente fazer com que os alunos sejam elementos participativos. Nesse sentido, a atividade acabou ficando prejudicada, tamanha a dificuldade de se desvencilhar do estilo de aula-conferência tanto na execução da atividade, como no momento de planejamento do plano de aula. Na ânsia de querer proporcionar um maior entendimento do acontecimento aos alunos, centralizamos boa parte da aula em nossa exposição oral, não estimulando tanto o debate e conseqüentemente caindo na velha fórmula do “conteudismo”.

O formato da aula acabou evidenciando o tipo de formação que tivemos, explicitou nossa maior segurança em atuar no método que nos habituamos em nossa formação. Contudo, o método tradicional pode ludibriar nas relações que envolvem o ensino-aprendizagem, uma vez que a aprendizagem histórica significativa busca o aluno como sujeito ativo dos processos históricos, ou seja, o aluno participa dos processos de construção do conhecimento. A aprendizagem histórica, têm por função “se basear na ideia da interpretação histórica” (SCHMIDT, 2009, p. 38) nas mais diversificadas perspectivas, sobretudo aquelas que possibilitem tornar os alunos conscientes do conhecimento construído em conjunto com o professor. A partir dos erros desta primeira aula, pensamos a segunda oficina nos moldes de uma oficina mais centralizada na participação dos alunos.

⁸ Matéria completa do Jornal Nacional (11/09/2011). Disponível no youtube.

Diferentemente da experiência anterior, antes de planejarmos a oficina, procuramos investigar os conhecimentos prévios dos alunos de modo a identificar quais pontos seriam mais relevantes dentro de um tema tão amplo. Neste sentido, uma semana antes foi aplicada uma atividade em que apresentávamos dois enredos de escola de samba, ambos referentes à situação do negro no Brasil, e abaixo perguntávamos a opinião dos alunos sobre o assunto. Foi a partir da análise das respostas dos alunos que percebemos que a grande maioria mencionou o preconceito como algo relevante. Abaixo, algumas das respostas:

Os negros hoje em dia algumas pessoas respeitam, outras não, pois tem muito racismo (Gabriel).⁹

A situação do negro hoje no Brasil não é muito boa pelo fato da escravidão, o negro sofre muito preconceito, discriminação racial, a imagem que o negro tem hoje é de morador de periferia de morro de ser pobre e de ser preso (Pedro).

A situação do negro melhorou muito. Agora eles podem trabalhar com salário de carteira assinada. A cultura dos negros é muito importante no Brasil, pois em algumas religiões são ligadas. Hoje em dia o preconceito está muito forte no Brasil (Laura).

O desafio foi, portanto, planejar uma atividade que ampliasse a percepção dos estudantes acerca do termo “preconceito”, ao mesmo tempo em que discutíamos a partir da realidade dos alunos e associando-o com o tema da oficina que era “O Dia da Consciência Negra”. Decidimos, então, fazer uma oficina de dois dias: no primeiro seria feito um teatro com os alunos com o objetivo de prepará-los para o próximo encontro; e no segundo, seria trabalhado um vídeo com a temática em questão.

O objetivo geral dessa oficina era estimular a reflexão acerca das atitudes frente aos diferentes tipos de preconceitos. Também esperávamos possibilitar aos alunos o uso de outros tipos de linguagens tais como a oralidade e o uso de objetos que comunicam uma mensagem, bem como mostrar que o preconceito racial é mais um entre tantos outros presentes na sociedade. Outro objetivo era desenvolver entre os alunos a percepção do processo histórico que levou ao preconceito contra africanos e “afro-descendentes” que compartilhavam/compartilham uma mesma insígnia estética no Brasil e também, como esse mesmo processo resultou (e têm resultado) em diferentes formas de reação. Enfim, queríamos

⁹ Para preservar a identidade dos alunos, não utilizamos seus verdadeiros nomes neste artigo. Também, cabe ressaltar que como a identificação no questionário foi opcional, não foi possível fazer referência a idade dos alunos citados. O que se constatou foi que a faixa etária dos alunos como um todo varia entre 13 e 15 anos.

incentivar uma postura mais crítica e ativa nos estudantes acerca do tema. Neste sentido, a atividade foi elaborada da seguinte forma:

Uma aula antes do primeiro dia da oficina, escrevemos no quadro negro a questão: “Quem são vocês?” e pedimos para que cada aluno trouxesse para a aula seguinte um objeto que respondesse essa pergunta¹⁰. No primeiro dia da oficina, com as cadeiras dispostas em círculo, pedimos para que cada um apresentasse seu objeto e respondesse o porquê de sua escolha. Durante a apresentação, fingimos desprezar os objetos de alguns alunos. Nesse momento, como esperávamos, as reações foram as mais diversas: alguns alunos revidaram, outros só revidaram quando outros colegas os defenderam, outros, ainda fizeram caras feias ou ficaram quietos. A intenção era, justamente, tomar essas reações como ponto de partida. Após revelar nosso “teatro”, perguntamos aos alunos o que sentiram perante nossa atitude e apontamos as reações presenciadas.

O interessante nessa atividade foi analisar a postura participativa dos alunos, a própria disposição das carteiras e os objetos tão pessoais a cada um criaram um clima de interação e diálogo entre os estudantes. Naquele momento todos puderam se olhar e, cada um teve a chance de falar sobre algo que conhecia, sem dúvida, muito bem: seu objeto e a história por trás do mesmo. Dessa forma, todos puderam ser protagonistas em algum momento naquele encontro, o que, de certa forma, resultou em um rompimento dos papéis tradicionais de professor/ bolsistas/ alunos¹¹. Assim, essa parte da oficina teve um desfecho que superou nossas expectativas.

No segundo dia, relembremos o primeiro encontro e, com a intenção de trabalharmos o Dia da Consciência Negra, dissemos que seria mostrado um vídeo que tratava da reação de um grupo de pessoas em especial que sofreram um mesmo tipo de preconceito, os pan-africanistas. Para isso, o vídeo utilizado foi uma entrevista com o brasileiro, político, ativista, Abdias Nascimento¹². Nenhum dos alunos, a princípio, o conhecia, porém, prestaram muita atenção na fala do ativista político. Ouviram em silêncio, mas seus olhos em direção à tela estavam vivos vendo Abdias Nascimento expressar sua mágoa perante o preconceito que

¹⁰ Elaboramos essa atividade inspirados na oficina "**Educar o olhar: objetos e materiais pedagógicos em museus**" ministrada pela profª. Dra. Carina Martins Costa (UFMG) em outubro de 2011 na UDESC.

¹¹ Cabe aqui ressaltar que não só os alunos trouxeram e apresentaram seus objetos, estagiários e professor Marcos Silva também participaram da oficina.

¹² Selecionamos partes da entrevista concedida por Abdias Nascimento à Lázaro Ramos no programa Espelho. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=ku9kXzOPan4>

houve e que ainda existe no país. Mostraram-se interessados pela luta daquele homem para ver seus “irmãos”¹³ terem as mesmas oportunidades que qualquer outra pessoa.

Após a exibição do vídeo foram feitos questionamentos a fim de problematizarmos juntos o material que acabávamos de ver. Entre as perguntas que fizemos aos alunos estavam: “o que chamou mais a atenção de vocês?” “O que esse vídeo tem a ver com a atividade que fizemos na aula passada?” “O que tem a ver com o Dia da Consciência Negra?” “Como esse homem em especial reagiu ao preconceito que sofreu?”. Ainda, é importante destacar que antes mesmo do vídeo, foi feita a pergunta “O que vocês entendem por consciência?”. Como para essa pergunta o silêncio se mostrou presente, relembramos a atividade anterior como meio de fazer com que pensassem sobre o assunto, então lançamos uma fala nossa: “Vocês trouxeram um objeto que define um pouco do que vocês são, do que vocês gostam, da história de vocês. Conhecer a si mesmo e a sua situação em meio a sociedade em que se vive, isso é ter consciência.” Foi com essa perspectiva, portanto, que introduzimos o vídeo e a discussão que viria a seguir.

Quanto aos questionamentos anteriores ao vídeo, os alunos pareceram mais acanhados por falar sobre o tema, todavia, após o recurso audiovisual, os mesmos pareceram mais curiosos e, alguns, arriscaram dar suas opiniões e estabelecer relações, como no caso de um dos alunos que, ao falarmos dos diversos tipos de reação e dos pan-africanistas, perguntou sobre o atleta que teria levantado uma das mãos com uma luva preta em alguma olimpíada há um tempo, dizendo que tinha visto a cena na televisão.

Foi nesse clima de diálogo, portanto, que seguiu o segundo dia de oficina. Porém, havíamos preparado uma atividade escrita que nos possibilitasse analisar os resultados obtidos junto aos alunos. Em uma folha branca e sem pautas¹⁴ havia dois blocos de questões: “Em sua opinião, qual a atual situação do negro no Brasil e qual a importância de se comemorar o Dia da Consciência Negra?” e “O que você entende por preconceito?” “Quais as formas de reação contra ele?” “Como você reagiria frente a um caso de preconceito?”.

Na maioria das respostas foi possível perceber uma influência da fala de Abdias Nascimento, como no caso de Bruna que teve como resposta para as duas primeiras perguntas:

O negro no Brasil é tratado por muitos como uma pessoa normal, mas ele ainda não participa de certas coisas na vida social do país (Ex: política). A importância é que comemorando esse dia, podemos perceber que eles são

¹³Termo utilizado por Abdias Nascimento para se referir aos afrodescendentes que, como ele, compartilham uma mesma insígnia: a cor da pele.

¹⁴ Optamos por esse tipo de organização intencionalmente. Nossa intenção era evitar algo que parecesse uma prova ou algo que definisse alguma quantidade de linhas para a escrita.

pessoas como nós e merecem estar nos mesmos lugares onde estamos (Bruna).

Ou ainda, como se percebe na escrita de Isabela:

A situação dos negros é bem crítica porque quase ninguém os respeita como as outras pessoas (Isabela)

Diante de tais desdobramentos, nos pareceu que nesta segunda experiência utilizando a proposta de aula-oficina desenvolvida pela pesquisadora Isabel Barca obteve relativo sucesso. A escolha do tema, o levantamento dos conhecimentos prévios, a categorização das respostas que orientou para a escolha dos objetivos da atividade, a reflexão dos alunos a partir de fontes que possibilitariam uma nova intervenção, foram elementos constitutivos desta segunda aula oficina.

Considerações finais

As experiências docentes desenvolvidas na Escola Básica Vítor Miguel foram extremamente significativas à nossa formação enquanto professores, pela singularidade das trocas entre os sujeitos, mas também por ser o momento no qual os conhecimentos apreendidos no curso de História, relativos às informações sócio-históricas e informações do ensino da História, devem ser articulados e adequados às particularidades daquele ambiente escolar. Foi preciso, dessa forma, trabalhar com os alunos o conceito de que a História é um campo do conhecimento onde a informação é construída, invariavelmente, a partir do ponto de vista de determinados sujeitos. Logo, nós, bolsistas, estaríamos ali para apresentar-lhes as distintas interpretações sobre os recortes históricos aos quais nos debruçaríamos.

No entanto, ficou evidente que a prática docente é desenvolvida paulatinamente, através de seguidas tentativas, com resultados tanto positivos como negativos. Os resultados obtidos nas diferentes aulas-oficinas que propusemos nos revelou que a atuação mais significativa do professor perpassa a experiência em que o mesmo faz dos alunos como responsáveis pela construção do conhecimento, por meio de uma participação mais intensa por parte dos alunos. Para tanto, é preciso avaliar o conhecimento prévio dos alunos a respeito da temática estudada, não haver sobrecarga de conteúdos, e fugir do modelo tradicional de aula; ou seja, romper com o modelo conteudista, onde o professor é detentor do conhecimento e da verdade histórica, e o aluno, por sua vez, apenas coadjuvante no processo de aprendizagem.

Tais experiências nos deram outra visão a respeito das formas de se possibilitar a aprendizagem histórica em sala de aula. Diferentemente da aula sobre os ataques as Torres Gêmeas, no qual mantivemos o comportamento professoral tradicional, já esmiuçado acima, pudemos em nova oportunidade, ao discutir a Consciência Negra no Brasil, a partir do levantamento das idéias prévias dos alunos, e dos materiais produzidos pelos próprios, possibilitar a discussão de problemáticas e hipóteses históricas em conjunto.

Referências

BARCA, Isabel. *Aula Oficina: do projecto à avaliação*. In: BARCA, Isabel. (Org). Para uma educação histórica com qualidade. Actas das IV Jornadas Internacionais de Educação Histórica. Braga: Centro de Estudos em Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2004. p. 131-144.

BERGMANN, Klaus. A História na reflexão didática. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo: vol. 9, n. 19, set.1989/fev.1990. pp. 29-42.

IANNI, Octavio. *Capitalismo, violência e terrorismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004. pp. 269-279

CERRI, Luis Fernando. Os conceitos de consciência histórica e os desafios da didática da história. *Revista de História Regional* 6(2). 2001. pp 93-112.

PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla B. (org.), *Faces do Fanatismo*. São Paulo: Contexto, 2004. pp. 9-14

Programa espelho. Entrevista com Abdias Nascimento. Entrevista retirada do site youtube. <http://www.youtube.com/watch?v=2nhwGPp0Pe0>

RÜSEN, Jörn. Didática da História: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão. *Práxis Educativa*. Ponta Grossa, PR. v. 1, n. 2, p. 07 – 16, jul.-dez. 2006. pp.8-16.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. Cognição Histórica situada: que aprendizagem histórica é esta? In: BARCA, Isabel & SCHMIDT, Maria Auxiliadora (Org.) *Aprender História: Perspectivas da educação histórica*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2009. pp. 21-51.

ANEXO 1

PLANO DE AULA – OFICINA 1

Tema: O 11 de Setembro

Introdução: A partir de uma temática que será trabalhada justamente no seu auge midiático, ou seja, na semana que faz os 10 anos do atentado ao World Trade Center, muitos destes alunos ainda se encontram insuficientemente orientados sobre o tema. Estes tinham em sua maioria menos de cinco anos de idade quando ocorreram os atentados as Torres Gêmeas, todavia, apesar da proximidade temporal que este evento Histórico tem com estes indivíduos, há uma dicotomia que torna o fato Histórico de certa forma longínqua, tamanho o turbilhão de informações que o mundo Globalizado fornece, e obviamente, o próprio fato destes serem ainda muito jovens. É rememorando não só o fato em si, mas todo seu desmembramento com as políticas de Guerra ao Terror (*War on Terror*), presente até os dias atuais, é que se pretende formar uma maior consciência histórica de uma Ordem Mundial, onde, as ações extremistas são relevantes e urgentes nos dias atuais.

Objetivo geral: Introduzir conceitos como o Imperialismo e a Democracia, com o intuito de demonstrar que estes dois termos em conjunto, não podem coexistir.

Objetivos específicos:

- Desconstrução dos dualismos envolventes no ataque do 11 de Setembro;
- Desmembramentos causados pelo 11 de Setembro;
- Problematizações dos porquês ao ataque as Torres Norte-Americanas.

Conteúdo:

- Fundamentalismo Islã;
- Oriente Médio e Estados Unidos, de amigos a inimigos;
- Questão Palestina.

Metodologia: Aula expositiva e dialogada.

Roteiro da Atividade:

- 1) Apresentação do evento Histórico 11 de Setembro, a partir de materiais áudio-visuais;
- 2) Representar as repercussões do atentado as Torres Gêmeas, a partir de discussões levantadas com os mesmos materiais de apresentação do 11 de Setembro;
- 3) Problematizar quanto aos discursos da Al-Qaeda e o fundamentalismo Islâmico em geral. A problematização parte de perguntas elementares: Por que a Al-Qaeda assumiu a responsabilidade dos ataques? Por que parte do mundo Islâmico tem ódio do mundo Ocidental? Entre outras;

Recursos e materiais necessários: Lap top, Data Show e Jornais ou Revistas. Com o Data Show serão apresentados uma parte do “Jornal Nacional” da Rede Globo e uma breve vinhete do Globo News, onde faz uma breve apresentação do 11 de Setembro.

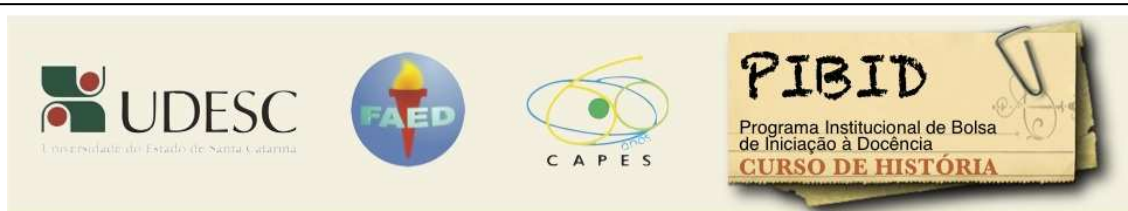
Avaliação e critérios:

- Nível de participação e interesse;
- Realização das tarefas solicitadas.

Referências:

IANNI, Octavio. *Capitalismo, violência e terrorismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004. pp. 269-279

PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla B. (org.), *Faces do Fanatismo*. São Paulo: Contexto, 2004. pp. 9-14



PLANO DE AULA – OFICINA 2

Tema: Dia da Consciência Negra.

Objetivo geral: Estimular a reflexão acerca das atitudes frente aos diferentes tipos preconceitos.

Objetivos específicos:

- Fazer com que os alunos repensem os sentimentos e as reações que envolvem o preconceito;
- Possibilitar aos alunos o uso de outros tipos de linguagem tais como a oralidade e o uso de objetos que comunicam uma mensagem;
- Mostrar que o preconceito racial é mais um entre tantos outros presentes na sociedade;
- Desenvolver a consciência do processo histórico que levou ao preconceito contra africanos e “afro-descendentes” que compartilhavam uma mesma insígnia estética no Brasil;
- Conhecer as diferentes reações ao preconceito;
- Incentivar uma postura mais crítica e ativa contra os diferentes tipos de preconceito.

Conteúdo:

- História do Brasil e o processo que levou ao preconceito contra os “negros”;
- Movimento Pan-africano e de Negritude.

Metodologia: Atividade em grande grupo e aula expositiva.

Roteiro da Atividade:

1ª parte: (duração: 45 minutos)

- Pedir para que cada aluno traga para a aula um objeto com que se identifique;
- No quadro negro escrevemos: “Quem são vocês?”;
- Dispostos em círculo e sentados no chão, pedimos para que cada um apresente seu objeto e responda o porquê da sua escolha;
- Fingiremos desprezar os objetos de alguns alunos. (combinação prévia);
- Após revelar nosso “teatro”, perguntaremos aos alunos como se sentiram perante nossa atitude;
- A partir disso, iniciamos uma conversa acerca da palavra “consciência”.

2ª parte: (duração: 45 minutos)

- A partir das reações exemplificadas pelos próprios alunos na primeira aula, retomaremos o que é consciência;
- Com o conceito de consciência internalizado, mostraremos a questão da consciência negra;
- Para amostragem do que é a “consciência negra”, serão usados materiais audiovisuais;
- Discussão e problematização dos objetivos colocados pelos materiais audiovisuais.

Recursos e materiais necessários: Quadro negro, data show, caixa de som, objetos.

Avaliação e critérios:

- Participação nas discussões em sala;
- Avaliação dos alunos sobre o significado do termo “consciência negra” com prova escrita.

Referências:

Programa espelho. Entrevista com Abdias Nascimento. Entrevista retirada do site youtube. <http://www.youtube.com/watch?v=2nhwGPp0Pe0>